



DEPARTAMENTO
MAY 57
CINEMA

1

CRÓNICA
Masculina

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA Masculina

N.º 15 — 16-III-1957

Director e Editor: RUI COSTA
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA.— Distribuição da AGÊNCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

Todos os sábados

DE HOMEM PARA HOMEM

Os barbeiros é que vão dizer como é!

O barbeiro, representante de uma profissão clássica com o seu quê de artística, goza, entre o «vulgo civilizado», do labéu de bom palrador. Fala pelos cotovelos, anda «au point» com todos os eventos do mundo, sabe as «últimas» da bola, e da política, conhece os infalíveis, os miraculosos produtos laboratoriais destinados a dar frescura ao rosto e longevidade à cabeleira aparecidos agora em França mas que, ainda cá não chegaram. A respeito de tudo tem uma opinião muito sua; professa doutrinas, comenta os mais diversos casos e emite pareceres e dá conselhos sobre todos os problemas. Em Lisboa, conheço eu barbearias de bairro que não são apenas animadas tertúlias onde se lêem jornais e se jogam o xadrez e as damas; são verdadeiros sínédrios do saber humano que a nossa Academia de Ciências não desdenharia eleger filiais.

Um dono nédio e sabichão de uma barbearia onde eu fui, observava-me um dia destes: «ter manicures para quê, se, por norma, as mulheres são inimigas da cultura». E, pensando bem, a sua lógica e a sua razão não morriam à mingua.

Pois bem, caros leitores, aos muitos méritos já deferidos à prestimosa classe, há que adicionar, agora, a honra e a veneração devidas a quem assina as leis do trânsito. Por ora esse munus exerce-se apenas numa pequena cidade alemã, mas longe não virá o dia em que o desenvolvam também, os barbeiros de todos os lugares da Terra.

Por deliberação camarária no longinquo burgo germânico, todo os aprendizes de barbeiro antes de pegarem na navalha e no pente, são obrigados a tirar um curso completo de condução e a saber na ponta da língua todos os artigos do código de estradas, para os recitar ao mesmo tempo que executam a depilação facial ou encurtam a garganta ao freguês.

Sem duvidar do êxito da iniciativa, há quem fique apreensivo com o modo por que vai ser praticada.

Não vemos motivo para isso. Tudo se irá passar mais ou menos assim: — Vamos, meu amigo (exemplifica o futuro «mestre escama»), mestre já consumado na lei da circulação. Isto é a estrada (traça o risco que vai da testa à nuca) um automóvel surge da direita, (zás, outro risco ao pé da orelha) e o senhor que vem por aqui (zás, o pente arranha o crânio) que deve fazer? Torcer o volante, para evitar um acidente que pode ser fatal (zás lá se vai a outra orelha).

O cliente desesperado prefere pôr-se a mexer com os cabelos compridos e os conhecimentos automobilísticos demasiado curtos.

Mas a casa também serve de campo experimental. Com o pincel ensaboado, o instrutor pergunta:

— Que faria o senhor se um camião surgisse no alto de uma ladeira? (o cume da ladeira é o queixo). O cliente, abre a boca para responder, e o camião, isto é o pincel de barba precipita-se para a garganta. Então, muito senhor de si, o «mestre» exclama:

— Vê? É assim que os acidentes acontecem.



FALEMOS DE ARTE MODERNA

HÁ pessoas perfeitamente equilibradas, com uma inteligência normal, que gostam da arte moderna. Há pessoas perfeitamente equilibradas, com uma inteligência normal, que NÃO gostam da arte moderna. E existe uma terceira classe de pessoas que dizem que a arte moderna é uma estupidez.

Bem, dizemos «arte moderna» para empregar menos palavras. Já sabem a nos referimos.

Todavia, há atrasadas mentais que, frente a uma obra de arte que não entendem, perguntam: «Mas isto que Como se um quadro ou uma escultura fosse um sinal de trânsito que sempre quer dizer alguma coisa.

O mais discreto que se pode dizer é: «O meu filho também era capaz de pintar isto». Porque isso pode ser verdade. Pelo menos até que os pais «edudem» os filhos o suficiente para lhes estragar o gosto e a sensibilidade.

Alguns encolerizam-se porque o quadro ou a escultura não tem tema clássico como, por exemplo, a mãe a amamentar o filho ou, pelo menos, um cacho de uvas numa bandeja de prata.

Não lhes basta saber que o artista é muito capaz, na maioria dos casos, de pintar ou esculpir mães lactantes e coisas mais difíceis e que, se não as pinta, é porque lhe parece que esses temas já foram por demais explorados. E quando o artista assim pensa, por alguma coisa será.

Muita gente não entende o chinês, mas a ninguém ocorre, quando ouve um nativo de Xangai, indignar-se por não compreender uma palavra.

A arte moderna é mais fácil de entender que o chinês, não sendo necessário, até, dispensar-lhe o máximo da nossa atenção. Se a percebermos, goza-se a vantagem de se, passar muito bem vendo quadros de Velazquez e de Picasso. Os que só gostam de Velazquez ficam a perder, porque este pintor produziu menos obras que Picasso.

Não se pode exigir que todos entendam as coisas, mas pode-se pedir, isso sim, um pouco de senso comum. Um senhor cujo contacto com a arte se limita às tricromias dos calendários e aos selos postais, não tem direito de dizer que o artista moderno é um atrasado mental. Quase sempre o artista sabe o que faz. Por outro lado, acontece muitas vezes que o espectador não sabe definir o que vê.

Na arte moderna — surrealista, abstracta, cubista ou o que seja — abundam os plágios, porque tem o grande defeito de não ser difícil de imitar. Essas pessoas que sofrem tanto vendo um quadro ou uma escultura que não entendem, deveriam esforçar-se um pouco por compreender. Teriam a vantagem de saber distinguir uma obra autêntica de uma mistificação e estariam aptos a evitar, assim, muitas decepções.

O público e o artista não vêem com os mesmos olhos. Os pintores modernos, os tais «istas», possuem uma segunda vista que penetra as nebulosas para as plasticizar na tela. Estão acima do vulgo que julga que pintar é fazer fotografias coloridas.

Tudo isto que dissemos são lugares comuns e as razões apontadas deveriam ser repetidas de quando em quando, a ver se ganhamos juízo... que já vai sendo tempo.

O CLUBE DOS RESSUSCITADOS

O clube mais estranho do mundo conta actualmente sete membros. Foi criado pelo «Daily Express» e reuniu-se, há dias, em assembleia geral. Para os seus filiados só existe uma condição: ser ressuscitado. A sua massa associativa agrupa seis adultos e uma criança. Todos haviam morrido em hospitais e recuperado a vida, minutos depois, graças à ciência médica.



Os Directores da A. P. R., Mário de Aguiar e António Dias, com as suas Ex.^{mas} famílias e convidados de honra vão acender as velas simbólicas do «Bolo de Aniversário».

O IX ANIVERSÁRIO DA AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

CUMPRINDO a tradição dos demais anos, o almoço de aniversário da Agência Portuguesa de Revistas constituiu viva e encantadora manifestação do espírito comum que abraça e irmana quantos exercem as actividades na importante empresa editora da nossa revista.

Num ambiente saudável, embevecedor, sem afectações nem constrangimentos, a generosa simpatia, a confraternização verdadeira dominaram os corações de cerca de centena e meia de convivas, entre directores da A. P. R., suas excelentíssimas famílias, funcionários, colaboradores e convidados de honra.

A vibrante reunião que teve uma nota de mundanismo na presença grácil das senhoras prolongou-se por longas horas de afável convivio de crítica graviosa aos colaboradores mais íntimos e alegria desbordante salpicada de comentários chistosos.

O muito que havia a dizer de tão sugestiva festa é prejudicado pelo espaço que não nos consente senão descoloridas nótulas do memorável acontecimento.

Um aspecto da assistência que enchia quase literalmente o vasto salão de festas do Restaurante Castanheira.



FRESQUINHAS E BOAS!



Ambrósio vai ao médico. «Os meus pés estão tão inchados, senhor doutor!»

— «Água, meu caro, muita água!»
— «É as dores de rins, que nunca me largam?»

— «Pedras, meu caro, pedras...»

— «Ainda há mais, senhor doutor. A minha memória está a enfraquecer...»

— «Cálcio, homem, cálcio...»

Ambrósio olha radiante para o médico e exclama:

Agora só me falta a licença para a construção».

— «Querido, imagina, encontrei uma casa esplêndida mesmo em frente à estação!» — «Mas assim não poderemos dormir, com o ruído.»

— «Mas o dono da casa diz que dentro de duas semanas a gente se habitua, e bem sabes que precisamente nessas duas primeiras semanas estamos fora!»

O Juiz para o réu:

— «Com esta já são dezanove vezes que o vejo aqui.»

— «Senhor dr. juiz, admiro-me muito de que me diga isso. Vejo-o sempre desde há doze anos na mesma cadeira e nunca me lembrei de o censurar!»

Grande movimento à hora de saída dos estabelecimentos. Roubam a carteira ao banqueiro X. Alguém repara e avisa-o:



— «Olhe, aquele homem que ali vai a correr, roubou-lhe a carteira.»

— «Ora, deixe-o em paz, exclama o sr. X com ar benevolente — afinal nós também começamos assim.»



O casal Silva é convidado para uma festa. O sr. Silva fica ao lado de uma senhora extremamente bela; à saída, comenta:

— «Uma rapariga fascinante! Mas é sempre assim, os mais estúpidos conseguem sempre as mulheres mais bonitas.»

— «Tens toda a razão, responde a Sra. Silva, muito obrigada pela parte que me toca.»



— «Há uma hora comprei aqui uma dúzia de pratos de sopa.»

— «Sim, minha senhora — responde o lojista — tem alguma reclamação a fazer?»

— «Parti-os na cabeça do meu marido...»

— «Por muito de Deus, ele deve estar muito mal!»

— «Nem por isso, se assim fosse, não precisaria de comprar mais louça.»



Uma «estrela» em maus lençóis

O costureiro
LELIO GATERI
processou
SOFIA LOREN

Não se trata de um «escândalo» publicitário. O caso é sério. Sofia Loren terá de haver-se com a justiça. Lelio Galateri, costu-

Este modelo de uma amostra de tecido foi apresentado por Galateri ao tribunal como «corpus delicti», demonstrativo de que Sofia usara realmente os seus modelos.

★

reiro de Nápoles, com o pretexto de que a actriz fraudou um contrato, pretende uma indemnização de cerca de 1.400 contos. Segundo o que alegou, em 1953, quando Sofia era ainda uma desconhecida, Galateri executou para ela dez vestidos-modelos de cujo pagamento prescindiu com a condição expressa de que, se a artista vingasse, usaria apenas as suas criações. Alcançada ao prestígio cinematográfico, a «estrela» desprezou o compromisso e deu preferência aos «ateliers» de fama. Galateri é

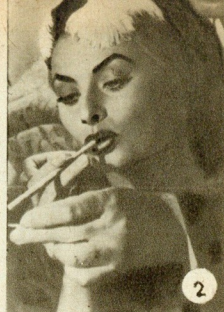


1



3

3 — A finlandesa Nirva Arvinen, rainha de beleza, acompanhou Galateri ao tribunal como testemunha abonadora dos méritos do costureiro.



2

1 — A prova foi fornecida pela capa da revista «Primo Amore». Não há dúvidas de que o traje exibido era uma criação Galateri.

2 — No auge da fama, Sofia Loren esqueceu Lelio Galateri, o qual afirma que não só executou os vestidos da actriz, como também lhe ensinou a arte das boas maneiras. «Final eu não fiz carreira mercê dos vestidos. Outros motivos de sedução teriam aliado os meus admiradores», declarou Sofia Loren.



4

4 — O agradecimento de Sofia a Galateri resume-se em uma única e simplesmente nesta foto autografada: «Ao meu grande costureiro, Sofia Loren». Galateri considera que isso não basta. E com base no contrato celebrado entre ambos, recorreu para a justiça.



BEIJO DE NOIVADO no dia do divórcio

Poucas horas depois do divórcio, Elizabeth Taylor oferece ao seu terceiro marido, Mike Todd, a frente para o beijo de noivado. Ainda antes de se ter separado do segun-

do esposo, Michael Wilding, festejou as futuras núpcias com o conhecido produtor do filme «A volta ao Mundo em 80 dias». Cada vez que casa Liz Taylor declara aos jornalistas: «Nunca pensei que a vida conjugal fosse tão bela».

Apesar disso, 200 dias depois de casada, divorciava-se do primeiro marido, o «rei dos hotéis», Conrad Hilton. Agora, antes de iniciar a viagem de núpcias, instalou-se num «garden-party» acompanhada por Mik Todd e pelo cómico Cantinflas. Por causa de uma luxação na coluna vertebral não pode estar muito tempo de pé. Liz renunciou aos dois filhos de dois e quatro anos, nascidos do seu matrimónio com Michael Wilding.

Para ela o amor é um incêndio que tanto mais depressa se extingue quando mais depressa se ateu.

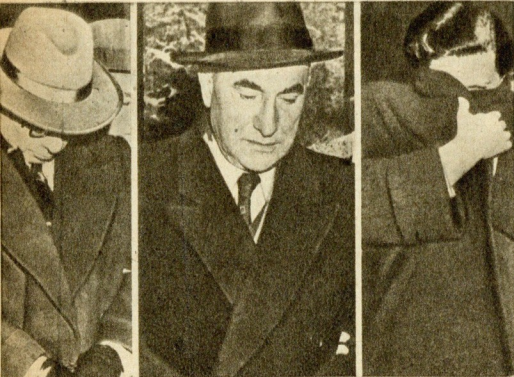


EM PERIGO DE MORTE

Todos os jornais e documentários noticiosos cinematográficos nos apresentaram já estes três espíões, que se arriscam à cadeira eléctrica. Da esquerda para a direita, são eles: Jacob Albam, Jack Soble e sua esposa Myra.

Foram presos em Nova Iorque sob a acusação de ter transmitido documentos secretos americanos aos agentes soviéticos. Parece querer repetir-se, com um personagem mais, o caso dos cônjuges Rosenberg, justicados em 1953. Os três espíões levavam uma existência aparentemente pacífica, num dos mais elegantes bairros da cidade. Podem ser condenados à morte, se se provar que exerceram espionagem durante a segunda guerra mundial, ou depois do dia 3 de Setembro de 1954, data em que a lei foi modificada, passando também a ser aplicada em tempo de paz.

Albam e Soble são li-tuanos.



As imagens são pouco nítidas, mas têm interesse...

UM DUELO NO SÉCULO XX

A golpes de florete, numa manhã nebulosa, bateram-se dois deputados do Parlamento do Perú, Fernando Terry e Eduardo Cisneiros, como os jornais noticiaram. O duelo, desenrolado no terraço de um arranha-céus, causou grande emoção nas nações da América do Sul e foi originado por um artigo de Terry que o seu colega considerou ofensivo. Nenhum dos contendores jamais se servira de arma branca até então. Mas bateram-se com desenvoltura, como mostram as duas fotos, dando-se ao luxo de se tocarem mutuamente. Um fotógrafo oportuno conseguiu captar as imagens raras deste anacrónico sistema de limpar máculas...





PARA CONSERVAR (OU ADQUIRIR) UMA BOA LINHA!

Muitos de nós somos casados. Acontece a muita boa gente. Perante o irremediável, que fazer? O muro das lamentações não resolve coisa nenhuma. Tratemos, portanto, de conservar a **boa linha** das nossas mulheres, e preparar os rebentos para conseguir proporções físicas se não invejáveis, pelo menos razoáveis.

Miss Prudens possui, numa cidade americana, um famoso estúdio onde esses pormenores se resolvem ou orientam. Assim (foto 1), as miúdas, subindo por

uma rede quase esticada, pendente do tecto, desenvolvem os braços, os ombros, os músculos do peito e das pernas. De acordo com a opinião da professora, a época dos dois aos seis anos de idade é a da formação física. Na impossibilidade de seguir este processo, os pais podem encorajar os filhos a subir a árvores, por exemplo.

As mães seguem com natural apazimento, os exercícios indicados pela prof.^a Miss Prudens (ao centro, foto 2), que lhes proporciona esplêndido desenvolvimento físico, com



reflexos na graciosidade, na agilidade, na força e na capacidade de movimentos rápidos; tudo isto com óptimas consequências psicológicas.

A pequenita loira da foto 3 passa, com facilidade, no teste de «força abdominal», que consiste em erguer o tronco sem levantar as pernas, com uma flexão de quadris. Miss Prudens diz que 23,5% dos americanos dos 6 aos 16 anos de idade claudicam neste exame. Mas só 1% dos europeus não realiza este exercício.

Em primeiro plano, numa posição exagerada, Miss Prudens exemplifica um exercício destinado a desenvolver os músculos das pernas e dos braços.

E prontos, amigos! Aqui têm uma ideia de interesse para os serões familiares!...



INDISCRICÕES num **CAMARIM**

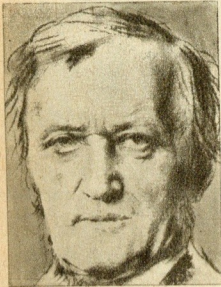
Os camarins dos artistas exerceram sempre no espírito do público a atracção das coisas interditas. Talvez por isso muitos têm sido os romancistas que situaram parte da acção dos seus livros nesses lugares «proibidos», como estimulante para a imaginação dos leitores.

Acontece, porém, que o camarim é mais um local de preparação para o trabalho, ou sala onde o artista recebe os amigos, com quem gosta de conversar durante os intervalos da representação. Isto não quer dizer que, uma vez por outra não chegue um «intruso», cuja curiosidade o leva a vencer mil obstáculos para ser apresentado ao artista (ou à artista) da sua predilecção. Nessa altura, o visitado compõe uma cara de ocasião, representando o papel de **dona de casa** que não quer desiludir o visitante; mas é nesses momentos que o camarim perde a sua naturalidade e encanto, para se transformar em simples sala de visitas...



Ricardo Wagner

revolucionário



(Continuação do número anterior)

O curioso trabalho de evocação, que principia a publicar no número anterior sobre a personalidade de Ricardo Wagner revela-nos uma faceta diferente do músico de «orquestrações violentas».

Desnuda-nos um Wagner revolucionário, amante da sua pátria e apóstolo da Humanidade.

Wagner combateu como soldado, participou em conjuras, investiu todo o ardor na causa pela qual propugnava.

Os capítulos já publicados contam-nos as circunstâncias em que aderiu ao movimento de regeneração nacional e os eventos que lhe sucederam. A par disso, oferecem documentos de grande interesse psicológico para quem deseja conhecer perfeitamente o espírito singular de um dos maiores génios da Música.

É certo que Wagner proclamara com os seus amigos da Associação Patriótica a reforma que ajudasse a formar uma Alemanha unida, e que se sobrepunha a particularismos locais. Mas não era apenas isso que o induzia a actuar. Era, principalmente, a luta pela renovação espiritual do povo alemão o que o incitava, a apoiar — ilusoriamente — a revolução, e a julgá-la um caminho para a regeneração humana. Este «idealismo poético» e filosófico, que mal se pode compaginar, que mal se avém com o «realismo» habitual dos políticos, o tornou revolucionário em Maio de 1849, mas logo se lhe revelou que aquela luta nada tinha que ver com os políticos, os quais nem remotamente se encontravam inteirados do seu ideal. Muitos anos depois Wagner escreveu a tal respeito: «Os que me atribuem uma actividade revolucionária política e me consideram como um deles, julgam só pelas aparências exteriores, não me conhecem a fundo; aparências que podem enganar um polícia, mas nunca um homem de Estado». Se Wagner simpatizou algum dia com certos políticos revolucionários, foi, sobretudo por motivos estranhos à política.

O ENCONTRO COM BAKUNINE

A amizade de Wagner com o célebre Bakunine nada abona os méritos psicológicos do grande compositor. Bakunine perseguido por toda a policia da Europa, chegou a Dresde na Primavera de 1849 e ali viveu oculto sob o pseudónimo de doutor Schwart. A Revolução social europeia parecia estar encarnada nesse homem cujo carácter pujante suscitava uma adesão cheia de entusiasmo nos seus adversários (e também uma simpatia espontânea nos seus partidários (e também um contemporâneo que o encontrou em Dresde por essa época, descreveu-o assim: «Era um homem de força psíquica impressionante; possuía uma coragem indomável e um entusiasmo exaltado que lhe fulgia nos olhos; tinha qualquer coisa de leão na sua pessoa dominante e atlética, áspera e alucinante...»)

Wagner, sempre artista impressionável, deixou-se deslumbrar por essa personalidade de carácter excepcional, e tornou-se seu amigo íntimo. Certos espíritos mal intencionados, procuraram difamar Wagner tomando como pretexto a sua amizade com o revolucionário russo. Insinuam que Wagner, se deixou influenciar por Bakunine; alegação deveras extravagante para quem conhecer bem o temperamento de Wagner e as suas ideias.

Na realidade, o artista alemão e o revolucionário russo não possuíam uma única afinidade, nem uma ideia comum,

nem um sentimento igual nem uma inclinação política gêmea.

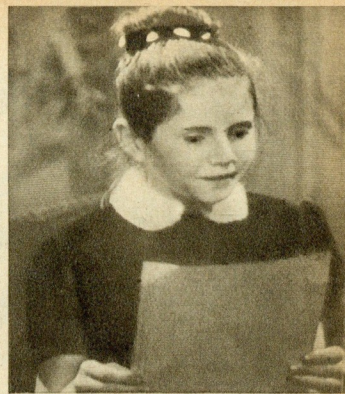
Num discurso pronunciado na Associação Patriótica de Dresde, em 14 de Junho de 1849, Wagner fora sincero e violento, ao atacar o comunismo, o qual classificou de «a doutrina mais absurda e insensata de todas». O artista desejava a regeneração da Humanidade por meio do despertar rotundo do povo alemão. Não podia admitir — e não admitiu nunca — a Internacional Radical de Bakunine. Da personalidade do russo o que atraía Wagner não foi o homem político, senão o tipo rude, liberto de hipocrisia, áspero, mas franco, enérgico. E, além disso o seu entusiasmo pela música e a sua admiração por Beethoven, uma admiração lindante com a idolatria. Quando ouviu Wagner dirigir a Nova Sinfonia no Domingo de Páscoa, em 1 de Abril de 1849, o revolucionário russo, que acreditava a sério na falência de toda a cultura ocidental, exclamou: «Tudo, absolutamente tudo se negará nas trevas; não apenas a música, mas também as obras de Arte... Ora bem: apenas uma coisa há-de viver eternamente: A Nova Sinfonia de Beethoven».

WAGNER NAS BARRICADAS

De 4 a 8 de Maio, travaram-se combates em plenas ruas, nas quais o arquitecto Semper, construtor da Ópera Imperial ou Real havia traçado os planos das barricadas revolucionárias. A luta encarregou-se entre as tropas prussianas e saxónicas, de um lado; e de outro, entre a policia burguesa e a popular que o governo provisório organizara.

Bakunine, com a sua costumada energia e o seu fogoso revolucionarismo dirigiu as operações da Casa da Cidade, coisa que teria sido difícil, ou melhor impossível, aos burgueses. Wagner foi dos que combateram nas barricadas. Na Igreja da Cruz instalou-se um quartel destinado a concentrar o batalhão e a distribuir-lhe armas. O próprio Wagner relatou esse episódio em termos que se não referem ao «artista»; antes denunciam o «revolucionário». Escreveu assim: «Era meio dia. O sol estava esplendoroso e, próximo de mim produziu-se um fenómeno em tudo igual ou parecidíssimo, ao que nos conta Goethe ao tentar dizer as impressões por ele recebidas na revolta de Valmy, e que tanto afectou com o som dos canhões os órgãos sensoriais do poeta.

(Continua no próximo número)



Poetisa de bibe

A menina-prodígio Minou Drouet, de nove anos, actuou recentemente na T. V. inglesa. Já em França tinham sido postas à prova as suas qualidades. Em Londres o locutor pediu-lhe que compusesse em trinta minutos uma poesia sobre a cidade.

Minou saiu-se airoso do exame. A segunda estrofe traduzida em ritmo livre, rezava assim:

«Terra... encantadora onde logo de manhã tudo brilha cor de rosa e dourado no prato, dois ovos esperam por mim em vez

[Do pequeno almoço
Que em França, me cheira muito a bibe-
[rão].





TRAGÉDIA NO MONTE BRANCO

A última tragédia que teve por majestoso cenário o Monte Branco foi seguida com grande interesse pela imprensa de todo o mundo.

Dela oferecemos estas duas espectaculares imagens, cujo impressionante realismo cala fundo nos nossos corações.

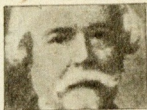
Numa das fotos, vemos o tenente Silvano Gheser, ainda coberto de espessa camada de neve, quando foi transportado, num trenó improvisado, para Courmayeur. Gheser e Bonatti (este último conhecido por ter escalado, com a expedição Desio, o K2) tinham partido na véspera do Natal do ano passado com o fim de realizarem a primeira escalada deste inverno do Monte Branco, pela direcção da Poire. Mas, surpreendidos por uma tempestade, tiveram de renunciar à empresa.

Na outra imagem, Silvano Gheser é medido num automóvel, que o transportará para o hospital. O oficial foi surpreendido pelos primeiros sintomas do congelamento na noite de 25 para 26 de Dezembro, durante o acampamento erguido sob uma temperatura de trinta graus abaixo de zero. Na duríssima caminhada de regresso, Gheser teve de ser auxiliado por Bonatti, que conseguiu resistir magnificamente às formidáveis dificuldades.

É CAPAZ DE NOS DIZER?

1 — O naturalista Banks deu ao ornitorrinco o nome de:

- 1 — Paradoxus
- 2 — Nutabilis
- 3 — Insolitus



III — A personagem acima apresentada é:

- 1 — Paul Claudel
- 2 — Edmond De Goncourt
- 3 — Jules Renard

- 1 — Leves
- 2 — Médios
- 3 — Pesados

IV — Belém dista, em direcção sul, de Jerusalém:

- 1 — 5 Km.
- 2 — 7 Km.
- 3 — 9 Km.



V — A personagem acima apresentada é:

- 1 — Antonella Lualdi
- 2 — Delia Scala
- 3 — Rossana Podestà

1 (IA-E (AI-Z (III-E (II-I (I
RESPÓSA

O mundo gira

OTTAVA — Todo o petróleo do Mundo. O senhor Gordan Coulson, de Calgary, descobriu, com o auxílio da máquina de lavar da esposa, um processo de centrifugação que permitirá explorar as maiores jazidas de petróleo de todo o mundo. Trata-se das areias betuminosas do rio Athabasca, que contém 300 biliões de toneladas de nafta — tanto como o conjunto de todas as jazidas petrolíferas do mundo inteiro. A exploração será iniciada em 1960.

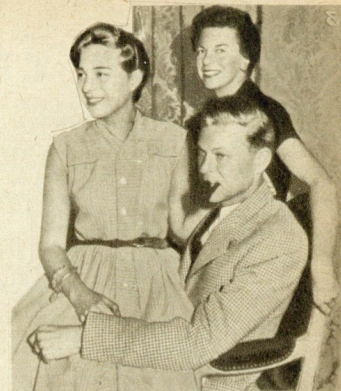
BEIRUTE — A imagem de Nasser. Gamal Abdel Nasser já não usa barba. Acaba de ser decidido que os Árabes barbudos da Arábia Saudita, da Síria e de outros lugares, cortarão a barba, para ficarem parecidos com Gamal Abdel Nasser. Um poderoso chefe de tribo sírio já deu o exemplo.

NOVA IORQUE — A Arca de Noé tem Sindicato. Os animais que se apresentam nos «music-halls» americanos serão devidamente constituídos em sindicato; serão igualmente admitidos os animais que posam para fins publicitários e «trabalham» na televisão. O sindicato não se exige salários de 50 a 150 dólares por semana e limita o número de horas de trabalho, como também constitui um fundo de reforma, da qual fixa a idade; um cão aposenta-se aos 15 anos, uma tartaruga gigante aos 95. Os animais terão seguro e férias pagas.

HOLLYWOOD — Sob os pés das vedetas. Em Hollywood, sob o próprio terreno em que se erguem os estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer e da 20th Century Fox, foram descobertos ricos lençóis de petróleo. Um grupo de financeiros já entabulou negociações para adquirir esses terrenos. Se a venda dos terrenos se realizar, a capital da Sétima Arte transformar-se-á numa vasta exploração petrolífera.

ROMA — A Musa de Puccini. A cozinheira de Puccini, Isola Nencetti, morreu há dias, com 86 anos de idade. «O maestro era louco pelo seu spaghetto», contava ela, «e eu doída pela **Madame Butterfly**». Até ao dia em que morreu, Isola escutou a ópera do maestro pelo menos uma vez por semana.

PARIS — Giraudoux. A peça de Giraudoux, **Amphytrion 38**, triunfa na Comédie des Champs Élisées, com Jean Pierre Au-



O General Atómico

O general Lauris Norstad, comandante da NATO, ou seja das forças pertencentes ao pacto do Atlântico, aprecia imenso a vida familiar. Aqui o temos, com a esposa, Isabel, e a filha, Cristina.

O general Norstad recebeu recentemente dos governos da NATO autorização para usar as armas atómicas contra quem ousar atacar a Europa. Essa é a razão pela qual passou a ser tratado por «General Atómico».

Oxalá não seja necessário provar a realidade de tal denominação. Preferimos continuar a publicar imagens simples e simpáticas como esta, em que as tremendas explosões atómicas são substituídas pelas ténues e aromáticas fumaredas de um cachimbo.

mont. Giraudoux dá sorte aos actores. Fora ele quem proporcionara a Gérard Philippe representar o seu primeiro papel em Paris. Gérard Philippe conta que o autor era tão distraído que, um dia, atravessou calmamente o palco, depois de o espectáculo ter começado... Na peça, Philip era o anjo. E morava, nessa época, na rua do Paraíso...

Um problema a prêmio

UM CASO FÁCIL

ERAM nove horas de uma manhã fria de Novembro de 1940, quando Abdula estacou o carro junto da elegante e luxuosa moradia da baronesa O'Neill.

Na entrada principal, uma mulher dos seus quarenta anos aguardava-o, presa da mais viva inquietação.

— Sou Martha, a servicial — disse com voz trémula, quando Abdula se aproximou. — Foi uma desgraça, uma grande desgraça! Vou conduzi-lo até ao corpo, inspector.

Abdula seguiu a mulher em silêncio, através de longos corredores, até que ela se deteve.

— É aqui! — disse, apontando uma das muitas dependências da casa. — É o nervosismo de Martha dir-se-ia aumentará.

O quadro que se deparou aos olhos de Abdula, era triste. No leito, ensanguentado, jazia o corpo da baronesa. Tinha o pescoço golpeado em vários pontos. O sangue, já coagulado, jorrara abundantemente.

Por momentos, Abdula observou o corpo. Depois, circunvagou o olhar pelo aposento, ricamente mobiliado e onde tudo parecia estar em ordem.

Um rápido exame à espessa alcatifa que cobria parcialmente o soalho, revelou a existência de manchas de sangue.

— Martha, queira chegar aqui! — pediu Abdula, de canhenho na mão.

— Estou à sua disposição, inspector. — E a pobre mulher tremia, tremia cada vez mais.

Bem — disse Abdula, olhando-a bem de frente, — enquanto não chega o médico legista, a senhora vai contar-me tudo o que sabe acerca disto. No entanto, será melhor passarmos a outra dependência, pois vejo que dificilmente suporta este ambiente.

— Sem dúvida, inspector — disse ela lançando um derreideiro olhar ao corpo.

Instantes depois, na biblioteca, Martha depunha:

— Esta manhã, como habitualmente, levantei-me cerca das oito. Preparei o pequeno almoço da senhora baronesa e fui levar-lho. Bati à porta e não obtive resposta. Insisti, e nada. Pensei então que a senhora baronesa estivesse dormindo ainda e resolvi-me a entrar. O estado em que fiquei, ao deparar com tão horrível quadro, é indescritível. Sou excessivamente nervosa, qualquer coisa me assusta. Não sei como o meu coração resistiu a semelhante choque. Quando sosseguei um pouco, corri a chamar o senhor Nevelly, sobrinho da senhora baronesa, mas não o encontrei. O leito estava intacto, o que provava que ele não ficara em casa. Sentia-me desfalecer. Estava sózinha e...

— Basta! — gritou Abdula, erguendo-se bruscamente da cadeira. — Nada mais quero ouvir. Você, Martha, matou a baronesa de O'Neill e vai pagar bem caro o seu crime. Você vai acompanhar-me, Martha!...

PERGUNTA-SE

— O que levou Abdula a considerar Martha culpada?

Nota: O prazo para a entrega das soluções é de 1 semana, imprerivelmente. Entre os concorrentes que responderem acertadamente será sorteado um bom volume policial!

CURIOSIDADES do mundo do crime

UM GOLPE DE MESTRE

Em 1953 o coronel Adam Foster, de Chicago, matou sua esposa e durante cerca de dois anos conservou o cadáver em casa.

Descoberto o seu acto ilegal, o coronel confessou que o fizera sómente para se aproveitar de uma das cláusulas do contrato de seguro de vida da esposa, que dizia que a anualidade seria paga enquanto a senhora Foster permanecesse à face da terra...

UM DOIDO COM JUÍZO...

Na manhã de 12 de Março de 1929, a polícia de Paris recebeu uma carta assinada por um tal Jacques Légrand, em que este dizia que na tarde de 17 do mês corrente, se suicidaria, atirando-se da torre Eiffel.

As autoridades, julgando tratar-se de brincadeira de mau gosto, não deram o menor crédito a tão lacónico aviso. O pior foi que na data indicada, o suposto brincalhão cumpriu a sua palavra.

Num dos bolsos foi-lhe encontrado um bilhete, que dizia:

«Quando minha mulher me participou que eu ia ser pai, jurei-lhe que me suicidaria se nascesse uma rapariga. Todos troçaram de mim. Infelizmente, minha mulher teve uma rapariga».

Interrogada, a senhora Légrand garantiu que seu marido estava no seu juízo perfeito, nunca tendo dado provas de possuir qualquer tara.

Até hoje, a polícia francesa não conseguiu fazer luz sobre tão estranho caso.

FIQUE-SE COM ESTA!



O feiticeiro Nguyen, de Longxuyen (África Oc. Francesa) foi acusado de homicídio e terá de cumprir pena maior.

O caso passou-se assim: o mago negro tinha vários clientes que se queixavam da ineficácia dos remédios para debelar a constipação e prometeu-lhes cura radical. Esse tratamento consistia em mergulhaem numa cachoeira.

Os pacientes sem pestanejar seguiam à risca a prescrição do grande feiticeiro e as suas famílias bem como outros pretos, que testemunharam o princípio da cura, nunca mais lhes puseram a vista em cima.

Do jardim zoológico da cidade norte-americana de S. Francisco desapareceu uma cobra. Tratava-se de um belo exemplar de mais de dois metros de comprimento, e a direcção do zoológico comunicou imediatamente o caso à polícia.



A primeira pista que se ofereceu às autoridades empenhadas em apreender o roubo, conduziu à casa do presidente do município, Mr. Hart, que ficou muito surpreso.

Tanto assombro é que não sentiu a sua filha Lena, a qual explicou que roubara o bicho com o seu amigo Dick Morris, de dez anos para intrepetarem com todo o realismo a passagem Bíblica que se refere à expulsão do Paraíso.

Os professores da Universidade de Colúmbia (U.S.A.) recebem o vencimento por meio de cheque, o qual tem a seguinte indicação: «Os analfabetos devem fazer três cruces no lugar destinado à assinatura».

Hipocrisia não é outra coisa senão dizer o que se não pensa e não dizer o que se pensa.

Os cirurgiões de um hospital de Shouthampton alcançaram um êxito sem precedentes no capítulo de intervenções em doentes do coração. Um enfermo que padecia de um tumor maligno não teria, segundo as melhores previsões mais de dois anos de vida. Foi submetido a hibernação. A operação durou cinco horas e meia.

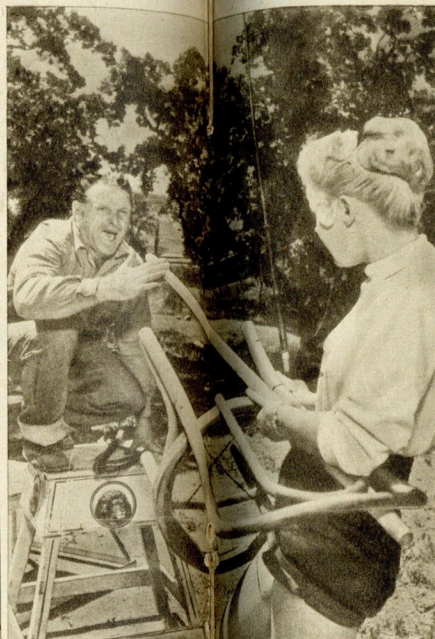
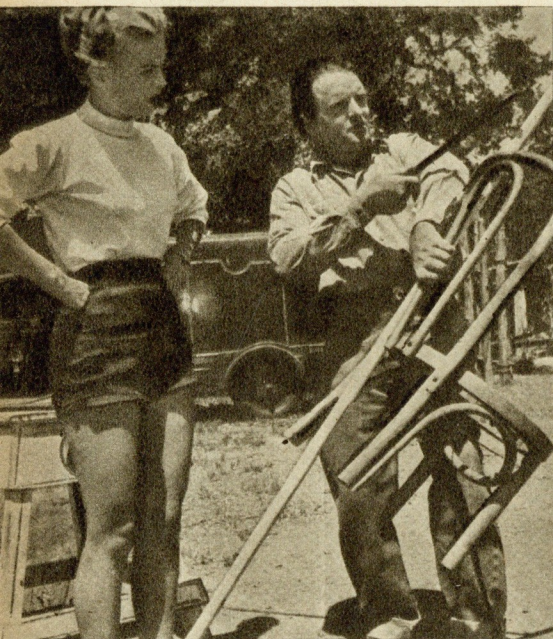
A partir do momento em que extraíram o coração ao doente, os cirurgiões dispunham exactamente de dez escassos minutos para triunfar. Passado este lapso, o homenzinho morreria. Mas esta parte crucial da intervenção realizou-se em nove minutos.

O director do Waldfort Astória de Nova Iorque, mandou colocar no vestíbulo do seu hotel um relógio planetário que assinala as horas de Marte.



Fisiólogos americanos verificaram que numa sala cheia de mulheres há mais ruído que nas cataratas do Niágara. Afirmam também que o ruído regular da referida queda de água é mais suportável à constituição humana que o falatório dissonante de ambiente de «café».

SANDRA, A DOMADORA



«Mas para que é o chicote?», parece dizer Jackie, o rei da selva, impressionado com a presença refrescante e dominadora de Sandra. É um leão já muito «batido» em filmes. Conhece a «coisa» desde pequeno e colabora em todas as patéticas. «É ridículo que esta jovem principiante me incomode com o chicote e a cadeira», pensa Jackie, cordeiro em pele de leão. «Ah! Mas se lhe mostrasse os dentes... Não, isso não, esta rapariga, humaniza-me».

«Sabe lidar com animais ferozes?» — perguntaram à «estrelinha» Sandra, nos escritórios de uma empresa cinematográfica de Hollywood. Sandra faz como se tivesse crescido entre tigres e leões. Na realidade apenas os conhece do jardim zoológico. Mas um «papel» num filme, nem que seja um pequeno «papel», não se rejeita. Sandra contratou um domador para lhe ministrar um curso rápido da arte de lidar com as feras. A foto reproduz o momento em que a insinuante e corajosa vedeta tomava contacto com as «ferramentas» do seu ofício.

«Eu sou o leão», diz o domador, e solta gritos terríveis, para tornar o seu magistério mais realista. A tarefa de Sandra consiste apenas em aproximar-se sem receio da fera e obrigá-la a ser dócil. Com o domador conseguiu-o muito bem, mas é de duvidar que um leão autêntico seja assim tão sensível aos encantos femininos.

Assim aparece Sandra no filme. Recortada num longo vestido branco, dissimula num sorriso o medo que sente ainda. Com expressão verdadeiramente fotogénica, o rei da selva olha para a câmara e pergunta-se, desejoso, se a fita não terá o sacramental «Happy end» com beijinhos e tudo.



Longe vá a tentação



...Um desenhador de Munique teve a ideia de imprimir, nos tecidos para trajes de Carnaval, notas de Banco de diversos países, cuja reprodução é proibida por lei. Mas com estes «mos-truários de divisas» cremos que nenhum juiz seria rigoroso. Oxalá que os pares destas beldades não caiam na tentação de cobiçar uma ou outra nota. Caso contrário... Bem... o leitor sabe o que acontecerá.



Tragédia iminente?

Esta visão idílica esconde, na verdade, um drama que poderia desenca-dear-se de um momento para o outro.

A fotografia mostra a região de Vils-hofen, na Alemanha, situada na margem esquerda do Danúbio.

O grande rio está gelado a ponto de permitir, sem perigo, as evoluções dos patinadores.

Um degelo imprevisto inundaria as casas da beira-rio, como aconteceu na mesma região de Vilshofen, na Primavera passada.

Felizmente não houve, desta vez, quaisquer desastres a registrar, e os jovens puderam brincar sobre o gelo, enquanto os velhos recordavam os seus tempos, comparando os seus hábitos, mais calmos então, com os do nosso tempo, em que se vive mais depressa.

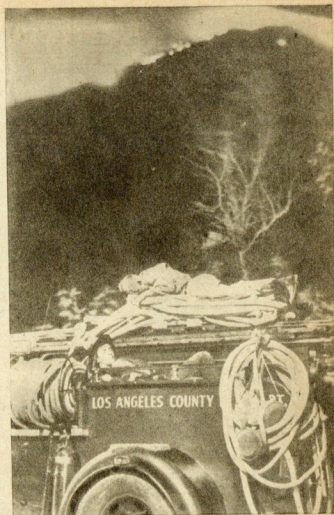
Parece que não haverá um quarto «Don Camillo»! Fernandell trabalha-lhará com Julien Duvivier (que nos apresentou a famosa trilogia) num filme policial: «Fuga para Clarinete». Trata-se de uma história de «sus-pense», que nos relata as infelicidades de um músico, a quem a fatalidade persegue implacavelmente. «Fuga para Clarinete» é o 118.º filme interpretado por Fernandell, numa carreira de trinta anos...



A NOSSA CAPA



Andrea Loren — é esta a graça gentil da rapariga em que chovem graças tantas — figura-se-nos aqui qual andorinha anunciadora da Primavera ridente ou mensageira tardia (neste caso, precoce) do calmoso estio apetecível nos lidos refrescantes da beira-mar. A sua insinuante presença oferece sem dúvida essa ilusória e suave sugestão de calendário. Mas a realidade é esta: Andrea Loren exhibe num salão de modas, londrinese, um fato de banho para a próxima sação balnear. É o modelo destinado a destronar os famosos «bikinis» de invenção americana. Mas, convenhamos, embora não revele tanto as sedutoras curvas das «misses» e das «ladies» não as despe da graciosidade que perturba os homens. Aliás, o maior feitiço da mulher não reside no prazer que temos de vê-la, senão no indizível prazer de adivinhá-la.



Aspecto de tragédia

O fogo devastou, durante dois dias e duas noites, 20 mil hectares de terreno e destruiu 73 edifícios, na zona florestal de Malibu, perto de Hollywood.

Dois mil polícias, bombeiros, guardas florestais e voluntários conseguiram, depois de aturados esforços, dominar o colossal incêndio.

O Presidente Eisenhower proclamou «zona de desastre» o local que fora, até então, calma residência de célebres artistas de cinema. As chamas ameaçaram de perto as moradias de Bob Hope, Alan Ladd, Jane Russell e Kim Novak.

Na imagem, vemos dois bombeiros adormecidos no carro, vencidos pelo cansaço.

QUE SABEMOS DO AMOR?

O amor não se define nem se explica. Atraídos os corações pelo imã dos olhos, o amor é o esquecimento de tudo.

Mas o amor verdadeiro, esse acto sentimental que Deus abençoa, no altar e na família, exige prévio e imprescindível conhecimento de muitas coisas, que os jovens prometidos ou consortes talvez ignorem.

Manifestação talvez, «essa luz que não deixa escurecer a vida» deve reflectir também claridades terrenas. Imposições mais fortes que o amor logram, por vezes, dissolver a união das almas dominadas por paixões frementes.

O materialismo da vida nem sempre é consentâneo com alevantados sentimentos; o grilhão das responsabilidades não raro cerceia as asas que Deus nos conferiu para alcançarmos o infinito. E o desenganho sobrevém à ilusão faqueira; o que era sol funde-se na treva, e o que era gota celeste muda-se em fel, em amargura.

No anseio de defender a felicidade dos corações amantes que, porventura ignorem os espinhos dessa rosa que o Fautor do Mundo colocou entre os dois sexos para enflorar a Humanidade e repetir a Espécie, apresentamos seis aspectos do amor nascente ou do amor já consumado na graça dos divinos sacramentos. A identificação com eles permitir-nos-á conhecer os caminhos da vida que nos conduzem ou nos detêm às portas do palácio encantado — do Amor.



1 — MULHERES E HOMENS ENAMORAM-SE POR IGUAIS RAZÕES?

(Resp. na pág. 22)



2 — SÃO SEMPRE BONS ESPO-SOS OS QUE FORAM BONS FI-LHOS?

(Resp. na pág. 22)



3 — AS MULHERES JULGAM QUE A FELICIDADE CONJUGAL É QUÊS-TÃO DE SORTE?

(Resp. na pág. 22)



4 — CONVÉM QUE OS ESTU-DANTES SE CASEM ANTES DE COMPLETAR O CURSO?

(Resp. na pág. 23)



5 — SABEM O QUE DEVEM TER EM CONTA OS JOVENS QUE PEN-SAM CASAR-SE?

(Resp. na pág. 25)



6 — É MELHOR QUE A ESPOSA SE ZANGUE E NÃO CHORE NEM SE LAMENTE?

(Resp. na pág. 31)



Formados exclusivamente por mulheres, existiram entre os séculos XII e XIV

TRIBUNAIS DE AMOR

É natural que a maior parte das pessoas ignorem a existência, em tempos já longínquos, de uns tribunais muito curiosos e interessantes, sobretudo para a mulher: eram denominados «Cortes de Amor» e a eles acudiam quantas damas e cavaleiros se julgavam com direito a ser ouvidos em suas que-relias amorosas.

Pelos dados existentes, sabemos que a sua implantação data do século XII e foram extintos no final do século XIV (em 1383, por morte da rainha Joana de Nápoles e Sicília, sob cuja presidência se celebravam as últimas audiências de tão complicado assunto).

Qualquer apelação, qualquer agravo que fosse levado à consideração de tão original tribunal, era sabiamente julgado e, uma vez dada a sentença, o réu devia acatá-la sem resistência alguma, fosse qual fosse a sua classe social.

Entre os muitos casos apresentados ao saber e discernimento deste tribunal, vamos oferecer dois aos nossos leitores:

Um dos mais difíceis, segundo rezam as crônicas, foi posto da seguinte maneira: «Como deve proceder uma dama que foi repudiada pelo apaixonado que quebrou os seus juramentos de amor? E, no caso inverso, isto é: quando o perjúrio partiu da dama, como deve proceder o cavaleiro?». É bom relatar que o júri meditou

muito sobre tão complicada como espinhosa questão, em que se manifestaram muitas e diferentes opiniões, sendo a condessa de Champagne quem deu esta assisada sentença: «Levando em consideração que não é possível uma igualdade de julgamento, a mulher pode continuar a amar o perjuro e a lutar pelo seu amor, até não alimentar a mais leve esperança de o recuperar. Do homem, contudo, por causa da inconstância que lhe é peculiar, deve esperar-se menos perseverança num caso semelhante». Os leitores estão de acordo?

Outra questão de amor, apreciada pelo tribunal de Provença, foi esta: uma dama proibiu a um cavaleiro, que a cortejava, que fizesse ou dissesse qualquer coisa em sua defesa. Queria evitar o escândalo, pois sabia que ele era demasiado impetuoso. Ele, apesar dos seus conselhos, não se conteve quando alguém a difamou na sua presença, e castigou o culpado no mesmo instante. A dama, aborrecida pela desobediência do galã, afastou-o sem lhe dar a mais pequena explicação. O enomorado recorreu às Cortes de



Amor e estas, muito sensatamente, resolveram que «era sempre legítimo a um cavaleiro defender de ofensas a sua dama, não havendo motivo, portanto, para o rigoroso procedimento por ela tido. Pelo contrário, a sua atitude devia ser tomada no maior apreço. Cumpra-se!» A dama compreendeu a razão que assistia ao tribunal, e voltou a dispensar as suas atenções ao fiel e valente apaixonado.

Da importância que, nessa época, tinham estas Cortes de Amor, fala o facto de que os próprios soberanos se submetiam de bom grado às sentenças destes tribunais, que nem sempre eram favoráveis a Suas Majestades. Entre os monarcas que se sabe terem sido «clientes» das Cortes de Amor, figuram dois personagens de fama mundial: Ricardo Coração de Leão e o temível Barboxa; não são, porém, do nosso conhecimento, os problemas que os levaram até elas, nem qual o veredicto do júri feminino. E é de facto lamentável a inexistência de dados sobre a questão, porque seriam, com certeza, muito interessantes.

Resposta à letra

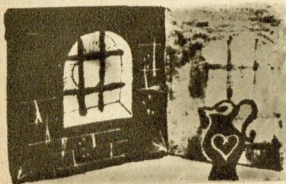
Um advogado de Kansas viu-se em apuros com um coronel, no decurso de um processo judiciário. Sentindo-se impotente para destruir o depoimento deste, o causídico recorreu ao jocosos.

— Diga-me, coronel — perguntou-lhe irónico. — Em que regimento serve o senhor?

— Não é num regimento; mas sim numa brigada de boi. — respondeu a testemunha, sem se perturbar.

— Não lhe admito graçolas, coronel — trovejou o causídico.

— Bem. A verdade é que — retrucou o outro, serenamente — «Coronel» antes do meu nome é a mesma coisa que o «Dr.» antes do seu. Nada significa!...



Resposta à pergunta 1 da página 20

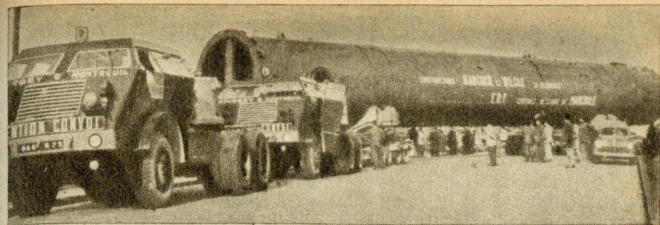
As mulheres — pelo menos na sociedade moderna — enamoram-se principalmente porque os homens lhes oferecem um sentimento de esperança, fé na vida e no mundo. Geralmente sentem-se satisfeitas pelas suas realizações; agradam-lhes os indivíduos em que possam confiar para fazer do mundo que as rodeia uma coisa interessante; para concretizarem os seus anseios e paixões. Os homens amam as mulheres pelo desejo de construir um mundo dedicado à que será a sua eterna companheira e com a qual construiram um lar, e, fundamentalmente, pela lei biológica de perpetuarem a espécie nos filhos.

Resposta à pergunta 2 da página 20

Depende, em grande parte, do que considerarmos «bom filho». Dizia o saudoso filósofo John Daw que o «bom filho» é, muitas vezes, aquele que não possui suficiente energia e iniciativa para complicar a vida dos pais. Um bom filho em toda a extensão da palavra, é sempre um bom marido, mas o que vive preso às saias da mãe, que não faz mal por temperamento, nem sempre poderá ser bom marido, salvo se desposar uma mulher dominante, que exerça as funções da mãe.

Resposta à pergunta 3 da página 20

Não. A maior parte das mulheres elaboram planos para concretizar os seus anseios e casar-se mas não esperam que o «príncipe azul» lhes caia do céu; sabem estudar as condições do futuro esposo, seja no que se refere às qualidades morais, seja no que se reporta a meios de fortuna ou capacidade de trabalho. Talvez se encontre uma outra que julgue que a felicidade conjugal é questão de sorte. São excepções. Quase todas as raparigas de hoje são calculistas e... cautelosas.

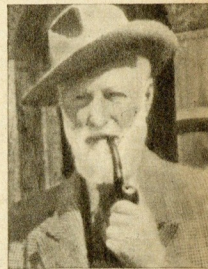


REBOQUE ATÓMICO

Este cilindro metálico (31 metros, 110 toneladas) vai servir para construir o modificador de temperatura da pilha atómica de Marcoule, em França. Para o transportar ao seu destino, teve de ser estudado, pela polícia de trânsito, um itinerário complicado. É o maior reboque que jamais foi visto nas estradas francesas.

AINDA MUITO NOVA...

O célebre pintor Kaes van Dongen acaba de festejar em Mônaco (onde vive com a esposa e o filho, Jean-Marie, de 16 anos) os seus 81 anos de idade. A alguém que lhe perguntou se já fora visitar a princesa Carolina, van Dongen ressondeu: «Ela é ainda muito nova!»



VENEZUELA — Uma expedição científica trouxe da selva venezuelana um jovem Piaroa selvagem, de 13 anos de idade, que não se mostrou impressionado com a civilização (televisão, automóveis, aviões e Jacques Fath). O pequeno selvagem gozou que nem um preto (sem ofensa...) ao ver o primeiro ciclista da sua vida. O rapazinho será baptizado em São Pedro e chamar-se-á Félix-Romain. Aqui entre nós, estamos convencidos de que virá ainda a sentir saudade da selva e da tanga!

Resposta à pergunta 4 da pág. 20

Inquiridos sobre o assunto, os estudantes das universidades dos Estados Unidos declararam que se sentem felizes por se terem casado antes de concluir os estudos. No entanto, e tomando em conta as responsabilidades que implica constituir família, principalmente nos países onde a luta pela vida se torna difícil, não é aconselhável nem prudente, contrair matrimónio antes de terminar um curso e estar em condições económicas para manter um lar.



«Miss América 1954» Myrna Hansen (a da direita) afirma «urbi et orbe» que não se quer casar, que deseja prosseguir a carreira artística. Mas o seu talento dramático não parece corresponder aos seus desígnios. Últimamente tem sido muito vista na companhia de um homem fabulosamente rico, o qual tem o dobro da sua idade.

MULHERES BELAS e os seus destinos

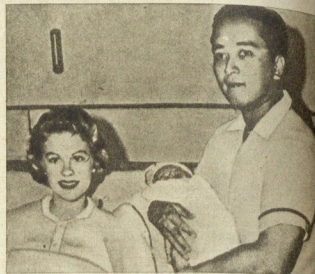
A formosura, esse primeiro dom que a Natureza concede à mulher e o primeiro que lhe reftira, possui o estranho condão de edificar impérios em que os rebeldes se não manifestam.

Todos os anos o censo dos homens coloca num trono uma deidade para venerar. Os meios de divulgação (a imprensa, a rádio, a T. V. e o cinema) elevam-na aos pináculos da fama, deferem-lhe os maiores louvores, excitam as imaginações varonis do mundo inteiro.

Mas a beleza é, afinal, cetro de pouca dura, e as rainhas metafóricas que a nossa estesia proclama, logo são depostas do lugar alto a que subiram.

Algumas ainda a Fortuna as bafeja; outras caem no olvido sentindo quão fugaz foi a glória de ser bela.

Esta página dá a conhecer aos leitores da «Crónica» o destino de algumas «miss» cujos nomes os Ecos repetiram.



A finlandesa Armi Kunsela, eleita, em 1951, «Miss» Universo, encontrou a felicidade na ilha de Luzon, nas Filipinas, onde conheceu o seu actual marido, Virgílio Hilário. Meses volvidos os dois consorciaram-se em Tóquio. Vivem felizes. Em julho de 1955, tiveram o primeiro filho.

O matrimónio da encantadora Christiane Magnani, «miss» Universo 1954, com o multimilionário Ronnie Marengo, foi de efémera ventura. Vemo-la aqui em conversa com o célebre advogado de Hollywood Jerry Giesler, que patrocinou o seu pedido de divórcio.



A sueca May-Louise Floain «Miss Mundo 1953», deixou recentemente a Alemanha, onde, havia três anos, trabalhava como manequim, e tencionava contrair núpcias nos Estados Unidos. No restaurante da Televisão de Estugarda, quando se dispunha a beber o último «whisky» encontrou eventualmente um dos directores da casa de modas onde exercera a sua actividade. Os dois celebraram ao mesmo tempo o «até à vista» inesperado e o adeus definitivo da «miss» loira.

Acredite, se quiser



Nos Estados Unidos da América, alguns teatros e cinemas instalaram tubagens de aquecimento por baixo do passeio junto à bilheteira para que as pessoas que vão comprar bilhete não sintam frio durante o inverno.

Uma das manifestações mais curiosas do medo é impedir a secreção da saliva, deixando a boca completamente seca.



O limite de vida de uma mosca doméstica é de sessenta e dois dias.



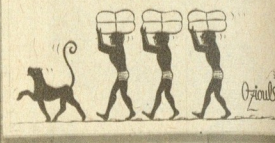
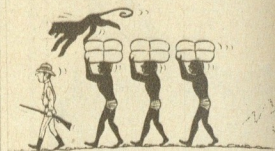
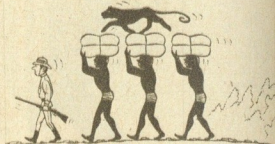
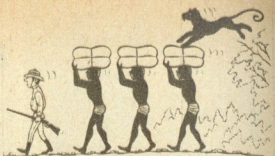
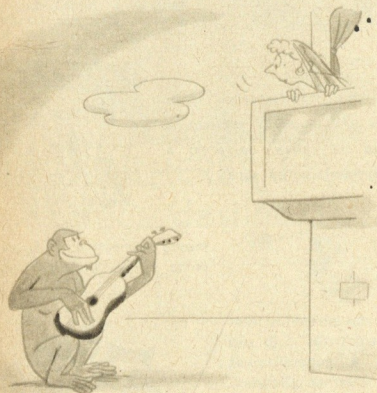
Uma das primeiras lâmpadas eléctricas cujo uso chegou a generalizar-se foi a «Nernst Glow». Tinha de se aquecer para que a corrente circulasse nela. E para apagá-la era preciso soprar-lhe até ficar fria, com o que perdia a sua condutividade.



Resposta à Pergunta 5 da Pág. 20

Tanto como se falassem da teoria de Einstein sem saber altas matemáticas. Os jovens julgam que conhecem os eventos da vida, mas ignoram os problemas do amor, o modo de educar os filhos e muitas outras coisas importantes. Para se identificarem com tais assuntos, o que é imprescindível na edificação do lar, torna-se mister ser tolerante, possuir auto-domínio e um grande equilíbrio emocional. Sem isto e sem o prévio conhecimento de todas as coisas que se referem à família, a ventura conjugal terá a duração das rosas de Malherbe.

Sorrisos a lápis



«ACIMA DE TUDO: o nosso amor!»

As histórias de amor comovem sempre. Fazem bater o coração porque, desde sempre, os mundos se criam e destroem em nome deste sentimento que pode apresentar-se sob múltiplos rostos, da ternura à paixão, da guerra ao ódio.

Impressionam-nos sempre, estas histórias, porque são esperança e sonho, justamente o que é necessário para viver e aceitar as dificuldades da existência em que o amor nem sempre tem tempo de se igualar às rosas de Malherbe. O último destes romances sentimentais desenrolou-se em Inglaterra, que parece o lugar predilecto em que os amorosos obstinados lutam pela felicidade contra tudo e contra todos.

Petra Zuidinga, encantadora jovem de dezasseis anos, apaixonou-se perdidamente por Roland Bliers, onze anos mais velho. Queriam casar-se. Mas o pai de Petra, não quis dar o consentimento. E os dois apaixonados fugiram da Holanda natal e instalaram-se em Inglaterra, sabendo muito bem que a «pérfida Albion» é acolhedora para os pares enamorados. — A polícia internacional tentou, em vão, conseguir a extradição de Roland. Actualmente, numa pequena aldeia da Escócia, os candidatos ao casamento esperam alegremente a solução da fuga amorosa.



Os escoceses gostam muito deste par (Petra e Roland), que simboliza para eles a juventude e o amor. Os dois apaixonados são muitas vezes convidados pelos vizinhos, que os distraem o mais que podem no seu exílio forçado.

HOMENS PRÉ-HISTÓRICOS no filme «A Grande Barreira»



Defendidos pela Grande Barreira de coral, vivem, nas zonas menos exploradas do Norte da Austrália, os homens da idade da pedra.

Os seus ritos e costumes foram documentados pela primeira vez no filme «A Grande Barreira».

A produção, realizada por Achille Bolla, descreve a extraordinária vida submarina dos abismos do Oceano Pacífico e a dos caçadores de cabeças da Nova Guiné, além de apresentar os últimos Maoris da Nova Zelândia.



Album

Esta formosíssima jovem de perfil coríntio e expressão romântica, verdadeira cariátide helênica com alma e com vida, teve a gentileza de nos enviar a sua foto predilecta, que quis ver publicada.

Na carta, elegantemente notada, que nos dirigiu, ocultou a sua graça de baptismo, mas indicou a sua origem mediterrânica. Explicou a sua preferência deste modo: «a cenografia maravilhosa da Costa do Sol, em dias tristes, proporciona-me um grato refrigerio que adoça o meu espirito propenso à melancolia».



FARUK ZANGOU-SE

Faruk está outra vez em demanda, desta feita como autor, vítima da sua própria popularidade.

O caso foi este: uma fábrica de chocolates italiana lançou no mercado um saboroso produto da sua especialidade cuja embalagem exhibe a effigie do ser-pente.

Os chocolates são deliciosos — dizem os jornais de Melzo, cidade-sede da firma, e de Roma, onde ela tem sucursal. Mas o requinte do seu paladar é que não conseguiu adoçar a boca a Faruk, o qual cheio de amargor processou a entidade «que se serviu» — afirma ele — do seu nome e do seu prestigio para vender «tablettes».



TÓQUIO — Silvana Pampanini, que tem à sua direita o doutor Luciano Galiani, enquanto visitava o palco de um dos muitos teatrosinhos ao ar livre, da capital japonesa. Em Abril do ano passado, a artista italiana, com uma delegação de jornalistas cinematográficos patriotas, efectuou longa viagem no Extremo Oriente.

ROMA — Silvana Pampanini passou a noite do fim do ano em companhia do noivo, Luciano Galiani. O doutor Galiano fora encarregado, pela embaixada italiana de Tóquio, de servir de guia à delegação cinematográfica durante a sua estadia na capital nipónica. Foi nessa ocasião que conheceu Silvana.

FINAL, SEMPRE É VERDADE...

SILVANA VAI CASAR-SE!

Foi a nossa revista que, em Portugal, primeiro deu a notícia; por isso sentimos-nos satisfeitos em confirmá-la. Desde o verão em que Silvana e Luciano se conheceram em Tóquio, nas circunstâncias por nós já referidas, e que recordamos nas legendas das fotos, o doutor Galiani tem ido a Roma muitas vezes, e ali tem passeado com a Pampanini, no seu «Oldsmobile» azul-celeste e para ser apresentado ao papá e à mãe da artista. Os fotógrafos começaram a atentar no parzinho, mas Galiani sempre conseguiu recuperar as fotografias tiradas aqui e além. Em Milão, no espectáculo inaugural do Scala, os fotógrafos trabalharam à vontade; ambos se deixaram retratar, como se tivessem tomado resoluções importantes. A próxima vinda de Galiani do Extremo Oriente deve preceder de muito pouco a cerimónia nupcial.

Casando-se, Silvana Pampanini não dirá adeus ao cinema. Libertar-se-á, contudo, de vínculos contratuais que, a seu parecer, não são favoráveis à sua carreira. Assim, prefere trabalhar num só filme por ano, mas de bom argumento e de qualidades artísticas elevadas.

É curioso recordar que, desde o seu aparecimento no cinema, os noivos «presuntivos» de Silvana Pampanini não foram menos de uma dezena: um continuo atentado à liberdade de Silvana de escolher o «homem ideal». Há cinco ou seis anos, o pretendente mais acreditado parecia-se com Tófol!





Sensação com JEAN MARAIS

O aplaudido actor francês exibiu-se num festival de circo em Bruxelas em benefício de jornalistas necessitados. Sobre seis mesas e várias cadeiras, que colocou peça a peça umas sobre as outras, Jean Marais oscila sem protecção alguma. Marais treinou-se durante três meses para este perigoso exercício. Entre os espectadores encontra-se Gina Lollobrigida, que se deslocou expressamente a Bruxelas para assistir ao número apresentado pelo seu colega da sétima arte.



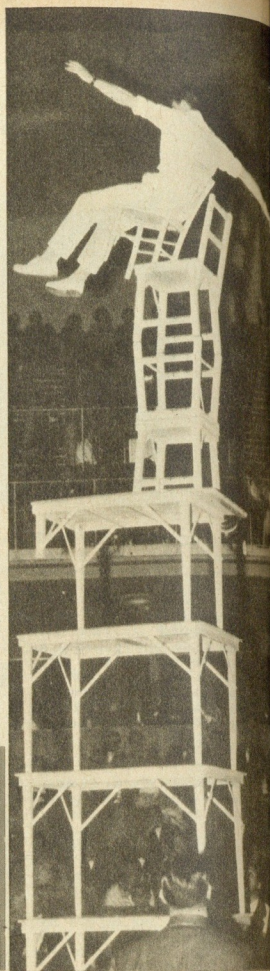
Estrela aos 17 anos

Sem desmedidas ambições, esta linda genovesa de cabelos de azeviche e olhos de amêndoa conheceu a celebridade de um instante para o outro.

Rosanna Schiaffino (decorem-lhe o nome) costumava frequentar programas de televisão e responder a testes do género dos nossos familiares concursos «o dobro é para você». Um cineasta descobriu-a, sujeitou-a a algumas provas de estúdio. Rosanna ficou aprovada em arte dramática e distinta em matérias... plásticas.

E o prémio de tão agradável exame foi um convite sedutor para interpretar um filme, ao qual se seguiram dois outros.

Agora Rossana vai em demanda do novo Mundo. O famoso actor Pedro Armendariz que se deixara impressionar vivamente pelos encantos da estrela levou-a consigo para o México e os dois serão os protagonistas de uma super-produção azteca.



A elegância tem os seus defeitos

ESTAMOS DE ACORDO COM OS INGLESES!

Os ingleses reagiram indignados, contra a decisão do «Instituto de Moda» de Nova Iorque, o qual todos os anos proclama as doze mulheres mais bem vestidas do mundo. A razão foi terem relegado a Princesa Margarida (na imagem maior) para o nono lugar da classificação. No ano passado, a irmã da rainha de Inglaterra foi considerada a segunda, a par da duquesa de Windsor.

Aqui está a classificação de 1956: 1.ª — Senhora Paley, esposa do presidente da produtora cinematográfica «Columbia»; 2.ª — Duquesa de Windsor; 3.ª — Princesa Grace de Mônaco; 4.ª — Senhora Guest; 5.ª — Marlene Dietrich e Audrey Hepburn, «ex-aequo»; 6.ª — Senhora Hearst, esposa do famoso editor americano; 7.ª — Condessa Consuelo Crespí.

O facto de as duas senhoras mais populares de Inglaterra terem sido classificadas nos últimos postos desse pleito de elegância, suscitou clamores na imprensa britânica. Um caso de prestígio que, no mundanismo atingiu as proporções e a delicadeza do sucesso do Suez».



Resposta à Pergunta 6 da Pág. 20

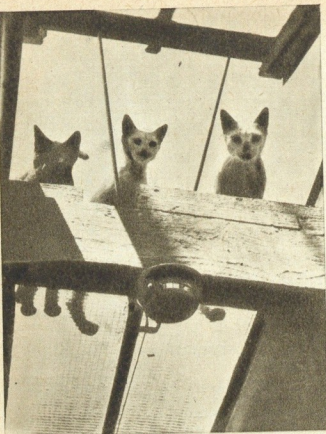
De dez homens casados com os quais falámos sobre o assunto, nove responderam afirmativamente. Quer dizer: concordaram em que é melhor ter uma esposa que se lamente e chore, queixando-se de que «ninguém a compreende» que viver com uma senhora que bata o pé e discuta para defender vigorosamente o seu ponto de vista.

Na realidade tudo depende do temperamento do marido, pois se, em certos casos, é melhor o primeiro género de esposas, noutros convirá mais o segundo. Quem entende as mulheres?

É MELHOR NÃO LER
ISTO À NOITE...

A história proibida do GATO

Na ciência diabólica (?), o gato tem lugar preponderante, desde as origens do mundo. No Egípcio, este animal era considerado um animal sagrado e a história conta que um soldado romano, por ter matado um destes felinos, foi apedrejado pelo povo. Quando um gato morria numa casa, no tempo dos Faraós, era costume os seus moradores raparem as sobrancelhas, em sinal de luto. Depois, o animal era embalsamado, e os seus funerais realizavam-se com grande pompa. Na mitologia greco-latina, a deusa Diana teria tomado a forma de um gato, para se esconder. Os presságios atribuídos aos gatos dependem, em grande parte, da cor do pelo do animal. Assim, na Alemanha, a deusa Freya não viajava senão numa carruagem tirada por



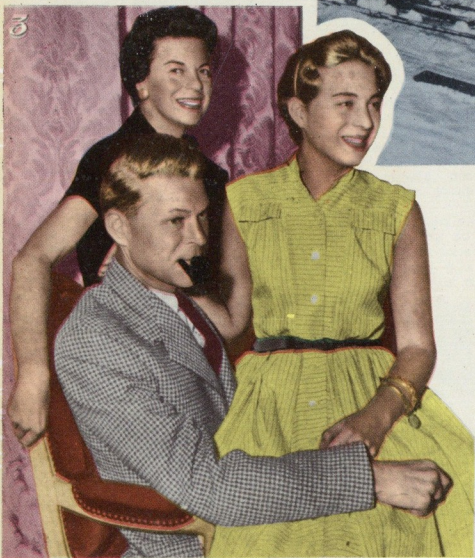
grandes gatos brancos. Por essa razão, em algumas regiões da Saxónia e da Prússia, encontrar um gato totalmente branco é sinal de felicidade e sorte no amor. Um gato negro que tenha sob o maxilar inferior um tufo de pêlos brancos é sinal de sorte, segundo uma tradição de gentes do campo. O magnetismo do gato, cuja pele serviu para as primeiras experiências de electrostática por fricção sobre um corpo não condutor, é ainda utilizado, principalmente nas fricções dos membros atacados por reumatismo deformante. Em feitiçaria, a gordura e o fígado do gato serviam para fabricar remédios, usados na farmacopeia durante muito tempo. Pode ainda dizer-se que o gato é benéfico, considerando-o elemento conservador, na medida em que destrói os roedores, que são os símbolos da destruição. Na interpretação dos sonhos, porém, é considerado maléfico, e a sua presença é interpretada como um sinal de deslealdade e de angústia imediata ou a sua ausência é interpretada como um sinal de felicidade. Segundo a lenda, os gatos gostam de se deitar sobre o peito das pessoas adormecidas. Numa obra publicada em 1574, lê-se: «Se um gato, depois de ter lambido uma das patas da frente alisa o pelo da cabeça, passando essa pata por cima das orelhas, é sinal de que, no inverno, a neve não tarda em cair, ou, se for verão, a chuva está iminente».

Se um gato arranhar alguém, é aviso de que um amigo da vítima tenta enganá-lo; se se mata ou esmaga um gato, isto dá pouca sorte ao autor do feito ou a algum dos seus parentes; o encontro fortuito de um gato desconhecido quer dizer que um assunto aborrecido, já dado por concluído, vai voltar a dar que fazer; acordar voluntariamente um gato, é a certeza de provocar um aborrecimento que poderia ter-se evitado; para criar preocupações a um rival, nada há que dê mais resultado do que prender uma bolinha de madeira, de pão ou uma pérola à coleira do bichano, durante um dia, e arranjar maneira de introduzir esse objecto no bolso daquele que se deseja aborrecer, para que tal se verifique dentro de pouco tempo.

A fábula, a lenda e os contos de fadas (como o «Gato das Botas», de Charles Perrault, por exemplo) têm-se servido muitas vezes dos gatos como personagem principal, o que nos dá uma ideia da importância que este animal tomou na vida dos nossos ancestrais, papel que continua a desempenhar, embora mais modestamente, na vida quotidiana de hoje.



Neste
número



- 1 INDISCRICÕES NUM CAMARIM
- 2 TRAGÉDIA NO MONTE BRANCO
- 3 O GENERAL ATÓMICO

N. 15
PREÇO 1\$50